



## AS FALÁCIAS DO CULTO AO DESEMPENHO NO MUNDO DO TRABALHO

The fallacies of performance worship in the world of work

Les sophismes du culte de la performance dans le monde du travail

Las falacias del culto al desempeño en el mundo del trabajo

**Emílio Peres Facas**<sup>1</sup>

*Editor Geral da Revista Trabalho (En)Cena*

Professor Adjunto da Universidade de Brasília. Colaborador dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações (UnB). Psicólogo, Doutor em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília com período sanduíche na Université Catholique de Louvain. Coordenador do Laboratório de Psicodinâmica e Clínica do Trabalho - LPCT/UnB.

**Liliam Deisy Ghizoni**<sup>2</sup>

*Editora Geral da Revista Trabalho (En)Cena*

Professora Adjunta da Universidade Federal do Tocantins, atua na Graduação em Administração e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade. Psicóloga, Doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília com período sanduíche na Université Catholique de Louvain La Neuve. Líder do Grupo Trabalho e Emancipação: Coletivo de pesquisa e extensão (CNPQ/UFT). cursando Pós Doc no Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal Fluminense

### Editorial

Vive-se a era do culto ao desempenho. O tom do existir passa a ser guiado por uma série de imperativos de desempenho, receitas para uma vida *feliz*: alimente-se bem, distraia-se, pratique esporte, viaje, (não) seja, consuma, trabalhe (bem, mais e melhor). A sociedade dos imperativos do desempenho engendrou uma falaciosa **superpotência** como possibilidade de realização de vida.

Tal contexto é sustentado pela lógica de mercantilização e espetacularização da vida. A promessa falaciosa de uma vida plena passa necessariamente pelos consumos espirituais, de saúde, sexuais, afetivos e relacionais. A sociedade do consumo transformou os ritos em mercadorias de

acesso fácil aos que possuem condições históricas e financeiras. É preciso consumir para aperfeiçoar-se, superar-se, competir: vencer. O culto ao desempenho invade todas as esferas da vida social e subjugam os afetos. Na pertinente reflexão de Lipovetsky (2007) “é uma nova figura metafórica que se impõe como porta-bandeira do espírito do tempo: não é nada mais que o Super-Homem, o super-herói dos desempenhos excepcionais, sempre em plena forma, sempre disposto a aceitar novos desafios” (p. 261).

Tem-se então um ideal de perfeição inalcançável, na medida em que nega a própria condição humana - não há espaços para fraquezas, tristezas, cansaço. Uma vida sem senti(r)do, com afetos colonizados e deslocados para o cumprimento dos imperativos falaciosos da dinâmica

<sup>1</sup> [emiliopf@gmail.com](mailto:emiliopf@gmail.com)

<sup>2</sup> [Ldghizoni@gmail.com](mailto:Ldghizoni@gmail.com)

*desempenhar-para-ser*. A demanda pela **superpotência**, causa de mal-estar social e existencial, está calcada nas manifestações da norma performática: “modernização e individualização extrema, tirania da beleza, dopagem generalizada, ditadura do orgasmo - [...] a ‘barbárie mansa’ da superação de si e da corrida desenfreada aos resultados” (Lipovetsky, 2007, p. 260).

Inquestionavelmente, esse cenário está dialeticamente ligado aos imperativos de desempenho no mundo do trabalho, na medida em que os constitui e é constituído por eles. O discurso do alto controle dos modelos de gestão taylor-fordistas cede espaço para o auto-controle. Não há mais a necessidade da figura do *supervisor-capataz*: a promessa da uma vida plena a partir da **superpotência** se torna o crivo, o olhar vigilante constituído no próprio trabalhador. O sujeito deve assumir esse ideal de comprometimento e competitividade, tomando para si o papel esperado e submetendo-se aos desejos das organizações. Tornar-se Super-Homem passa, necessariamente, pela auto-apropriação do discurso da excelência e eficácia. Contudo, diferente do super-herói, não é dada ao trabalhador a oportunidade de tirar seu *uniforme* – o sujeito deve estar pronto, a qualquer momento, para os desempenhos excepcionais.

Essa passagem do alto controle para o auto-controle se constitui na medida em que os imperativos de desempenho no trabalho se distanciam das concepções mecanicistas/impessoais do produtivismo taylor-fordista para adentrar a era da eficácia afetiva pós-fordista. Não são mais os movimentos, o tempo e o desgaste, os objetos que necessitam de ajustes, afinal mais do que *saber-fazer*, é necessário *saber-ser*. O desempenho deixa de ser avaliado apenas do ponto de vista da produção objetiva: a *superpotência* demanda que os afetos sejam considerados fatores de desempenho, otimizados para atendimento das demandas organizacionais e avaliados por critérios individuais e fragmentados (Lipovetsky, 2007).

As falácias dos imperativos do desempenho no trabalho estão presentes em diferentes contextos de trabalho, como os artigos apresentados nesta edição indicam. Que suas leituras sejam um convite à reflexão crítica e política sobre o mundo do trabalho e os impactos nos trabalhadores.

## Referência

Lipovetsky, G. (2007). *A Felicidade Paradoxal – Ensaio sobre a Sociedade de Hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras.